



PREMIADOS Edição -2022

Categoria Poesia

1º Lugar :Jean Carlo Barusso
Arapongas/PR

Sucessão

hoje o tempo dói:
cada movimento do ponteiro
é uma agulha que fura a pele
e leva um pouco de expectativa de vida.
um pouco mais,
um pouco mais
e agora mais um pouco.

hoje o tempo arde:
a ampulheta não para.
de grão em grão,
os ombros ficam um pouco mais pesados.
um pouco mais,
um pouco mais
e agora mais um pouco.

hoje o tempo empurra:
é um passar que soma,
uma contagem que sangra.

a cada ciclo um pouco mais de cansaço.

um pouco mais,
um pouco mais
e agora mais um pouco.

hoje o tempo sufoca:
uma sucessão que não cessa,
gerando acúmulo de passado.
a cada segundo um segundo a menos.
menos um,
menos um
e agora um a menos.

hoje o tempo dói,
hoje o tempo arde,
hoje o tempo empurra,
hoje o tempo sufoca
um pouco mais,
um pouco mais
e agora mais um pouco
e agora um pouco menos.

URRO

Nasci em um ano de Tigre
como um urro estridente a ecoar pelos interstícios das boiadas,
uma Pauliceia Desvairada que Mário de Andrade pariu e
desgovernado bramiu como a anunciar um fato relevante.
Talvez por isso esse meu desejo imenso de acumular pegadas
para que do rastro se venere a cria.

Nasci em um ano de Tigre
não me recordo os anseios da espera da hora de nascer
a jorrar água e transbordar em cascatas que correm por penhascos
desfazendo os limos e deslizando ante a correnteza.
Não sei das certezas e registros do batismo dos que viram
e suspiraram pela glória e fartura de uma ciência exata.

Nasci em um ano de Tigre
a percorrer trilhas e decifrar mistérios, perceber o perfume
exalando do frasco quando as rimas se fizeram plácidas;
a produzir defensas ao menos célere dos antígenos
para seguir em montaria segurando as rédeas justas
gritando aos ares aboios tântricos sobre os cascos.

Nasci em um ano de Tigre
por combinações ousadas dessas que descortinam
por entre palcos, becos e vielas o passar da carruagem
sob ribaltas e asnas a configurar pranaïamas de arte e beleza.
Os riscos sobre a ferrugem que se avistaram foram sismo de abalos,
pois “quando pensar que não já se passaram sessenta anos”

Me vejo novamente defronte ao Tigre
com água até a cintura em novos ciclos profícuos
a rasgar as vestes e penetrar em cavernas profundas
ver ao longe os cossacos pelas tundras e estepes
arremessar-me por planícies fecundas e aos olhos budas,
nebulosas miragens que se abrem em giros perspícuos.

Nasci em um ano de Tigre...

3º Lugar: -Larissa Garcez Freire
Santa Maria/RS

Ponto Cego

Ponto Cego
Crisântemo
Tantos sinais
Tão surreais
Que encontrei-me gritando
Frases permeáveis à mínima percepção
Tentando sugerir o entendimento gritante

O óbvio deve ser dito
Mas principalmente sentido
Indicado
Mas quando faz-se óbvia
Comunicação
Demonstração
Intenção
Escassas palavras têm poder
De expressar a mente
Logo para que dizê-las?

Estúpidas piadas
Estúpidas partidas
Só assim faria-me clara?
Ou seria incapacidade
Vendado por jovens futilidades
Efêmeras prioridades
Que impedem teus olhos de finalmente repararem a claridade em tua frente?

Ironia
Ambas partes vazias
Discursos em sintonia
Submerso em utopias
Tão abismado depara-se
Distraído em seu próprio mundo
Não enxerga metros à frente
Possibilidades
Possíveis realidades
Ainda preenchido por imaturidade

Visão ofuscada
Do vasto emocional aos seus pés
Implorando
Aos poucos se inundando
Em suas próprias desesperanças

1ª Menção: Bernadéte Costa
Joinville/SC

Frágil

A lucidez do cristal
molda-se ao canto lírico
na mudez de meus improvisos.

Enquanto o camaleão
tata a pele feito ramagem,
o pulsar das palavras camufla,
latejante, vaso em verso.

Há frágil transparência,
nos imprevistos da areia,
que argila dias e noites
os feitios de copos e taças às cegas.

Ao brindar a vida,
na liquidez de águas brancas,
o medo morre no grão do cacto.

2ª Menção:- Ronaldo Cagiano Barbosa
Estoril/ Portugal

ÁLBUM DA INFÂNCIA

Em que cantos da casa hiberna a furtiva sensação do que fomos?

Só os mistérios e fantasmas não dormem: continuam a habitar o álbum de família, sem limites para o desacontecer.

As recordações são palimpsestos que desvelo

na pátina dos móveis no mofo que grafita estranhos seres nas paredes nos picumãs que resistem sobre o fogão à lenha ou no chiqueiro desabitado que agora disputa com o vazio os miasmas de tantos segredos.

Na velha Singer adormecida, a hesitante linha atravessada na agulha aguarda a tessitura do amanhã, mas as mortes chegaram primeiro farejando-nos com seu rumor de asas. Todos partiram, o cansaço visita os quartos e digere a vida e desse silêncio resta inútil espólio: os varais estão inertes, a horta desidratada, o pomar atacado pelo exército de bactérias, não encontro palavras para descrever a tirania dessa hora e nenhum alfaiate consegue amoldar a roupa para o meu luto feroz.

Entre o que vejo e sinto, as teias de aranha, testemunhas das estações, denunciam o que já não me pertence

3ª Menção: Ceura Regina Fernandes da Silveira
Santa Maria/RS

O LIVRO AZUL

Escondido num armário invisível
tenho um livro azul,
quase transparente.

Nele estão escritos não publicados,
segredos não revelados,
confidências adiadas,
amores reservados,
mágoas acomodadas.

Sonho e desencanto convivem
com momentos mágicos
nele registrados.

Como é bom ter um livro assim,
um lugar que a gente inventa
pra quando está triste
buscar algum alento,
um encanto ali guardado.

Nosso desejo de um mundo poético,
de um viver mais ético,
fica tudo ali, bonito, preservado.

Neste livro guardo
o que ainda não encontrei,
esperança que não perdi,
razões por que chorei,
motivos por que sorri,
pessoas que amei,
outras por quem sofri,
valores que carrego,
outros que esqueci.

Em capítulos diferentes,
estão todos ali meus ingredientes.
Não há como negá-los.
Tudo é parte de mim.

Um dia um pássaro branco
levará este livro ao Dono do Tempo
pra que ele organize o que vai ficar
e o que será jogado ao vento;
o que esquecerei,
e o que ainda alimento.

Este livro azul
é do tamanho do firmamento.
Nele está tudo registrado.
Acontecimento grande e marcante
ou coisinha insignificante,

tudo nele é importante.

É meu retrato sozinha,
rodeada por muita gente.

Nele não preciso me mostrar social
quando minha alma quer quietude.
Quando quero continuar o que sou
e alguém pede que eu mude.

Neste livro,
me escrevo transparente,
quando quero que me vejam como sou;
ou azul sobre azul,
preto sobre preto,
pra ninguém me ver,
pra ninguém me ler,
quando tento disfarçar algum traço,
algum pecado que faço.

Em trechos de diálogo franco,
escrevo preto no branco.
Noutras páginas escrevo dourado,
em tom ensolarado,
tal a beleza do que conto,
tal é a Luz em que me encontro.

Amores mínimos

Do amor não ficarão os tratados
nem os recados mal ditos em frases machucadas.
Mais certo é que do amor nem fique nada
que não seja um mínimo indestrutível
(mesmo que incomum)
amável para além do pacto dos amantes.
Generoso ou à cabresto,
de joelhos esfolados ou bilhetes azuis,
desigual e finito será o curso de tudo que se atrai.
Com uma fome que se anuncia inesgotável,

os amores ardem
descobrem o profundo das peles
e depois dormem para sempre.
Primeiro esquecem da morte; depois lamentam a morte que tarda.
E matam e nascem e cumprem o nada,
para nada,

porque nada
enfim os salvaria do lugar nenhum.
Mas se no imenso muro negro das noites

deixam um rabisco que seja,

um traço ao acaso ilegível

– dessa enfeitiçada crença fica o cisco inarrável.

A infinita certeza da graça do erro

que no fim foi vida:

e amamos, como se do amor quiséssemos a resposta.

E amamos.

Categoria Crônica

1º Lugar:- Gabriela Lagemann
Santa Maria/RS

Toda Mulher tem um jeito diferente de fechar o sutiã

Nora Tirloni

Eu odeio tudo que vem antes da sala de espera da Ginecologia. Odeio a dor ao lado direito do ventre, a menstruação que persiste por mais de quinze dias, a coceira após um carnaval no Rio, o peso na consciência pela consulta de rotina que deveria ter acontecido dois anos atrás. Odeio a procura por médicas, pois nunca gosto da última que me atendeu. Não gosto porque quis dar lição de moral, ou porque sabia menos do que o Google, ou porque era contra vacina, ou porque o consultório não tinha estacionamento. Odeio que, depois de pedir indicação e encontrar uma médica que aceita o plano de saúde, vem a pior parte: a necessidade de telefonar. TE-LE-FO-NAR. Isso mesmo. Não tem um e-mail, um site atualizado, um aplicativo de mensagens instantâneas e nunca, nunca tem agenda.

Daqui um mês. Daqui três meses. Só para o ano que vem.

Mas se tem uma coisa que eu amo, essa coisa é a sala de espera da Ginecologia. Mesmo as que têm plantas de plástico, iluminação de farmácia, televisão passando tragédia e criança encarando. O livro que deixo aberto no colo é apenas um disfarce para observar as crônicas em movimento. A mulher que faz tricô, a que vem acompanhada de quatro pessoas, a com a síndrome da perna inquietada, a que atende o celular como se todo mundo fosse surdo. Também tem o pai que não sabe o aniversário da filha, a secretária que repete a direção do banheiro e a senha da wi-fi uma vez a cada vinte minutos, a cara feia de quem quer pagar com cartão e a médica só aceita dinheiro porque sonega imposto. E ouvir antigas conhecidas que se encontram antes de uma consulta? Tem novela melhor? Queixam-se das dores, gabam-se dos filhos, questionam onde anda fulana, quem morreu, quem separou, quem está mais gordo. Ficam atentas não só à conversa, mas a quem entra e a quem sai, cumprimentam todo mundo e não têm vergonha de perguntar se as filhas da mulher marcando consulta são gêmeas.

Uma é biológica e a outra do coração.

Todos nós ficamos sabendo.

Nossa, nem parece.

Todos nós, eu não sei, mas eu amo sentir essa vergonha alheia.

Luciana, por aqui, por favor.

O lado ruim de estar na sala de espera, é que alguma hora a espera termina. E eu odeio tudo que vem depois da sala de espera da Ginecologia. Odeio entrar em uma sala com uma estranha, me apresentar, me pelar, me abrir. Analisar a doutora (sem doutorado) com o estetoscópio no pescoço e decidir rápido se devo mentir que uso camisinha toda vez que transo ou que nunca fiz um aborto, quer dizer, tive um aborto. Não entenda mal, não sou mentirosa. O problema é que sou nervosa. E o nervosismo é mentiroso para caramba e fala somente o que os outros querem ouvir. Odeio colocar o avental que deixa a bunda de fora e grudar essa mesma bunda no papel descartável em cima da maca (ou se chama cama?). Odeio pensar no que ela está pensando dos meus pelos, do meu cheiro e da minha higiene íntima. Odeio o beliscão no útero e de ter que torcer para ela não encontrar a prova de que transei sem camisinha anteontem (ou do aborto que fiz aos vinte anos). Não é uma afronta medir a pressão nessa situação e ainda perguntar se estou nervosa? Mas é claro que estou nervosa, caceta!

Um pouquinho. (E rio desconfortavelmente para deixar a médica confortável.)

Na hora de voltar à dignidade, lembro que deveria tratar a minha timidez e me odeio por ter vindo de calça jeans. As pernas ficam suadas, a periquita melada de lubrificante e, ao colocar uma calça apertada, tudo se torna ainda mais odioso (e abafado). Tento fechar o sutiã com os dedos ainda hipertensos e, sem sucesso, apelo para o jeito que a minha mãe faz: a parte de trás virada para frente.

Quando encaro a médica pela última vez, agradeço por não ter recebido julgamentos não solicitados e me despeço odiando o futuro que me espera: tratar os fungos vaginais, os quinze dias sem sexo oral, as ligações para agendar exames complementares e o medo de morrer por uma doença hipotética, que poderia ter sido descoberta - e curada - se tivesse feito a consulta de rotina dois anos atrás. Deixo o Papanicolau na mesa da secretária como se fosse um cartão de visita e evito os olhares que especulam qual seria o motivo da minha consulta.

Nem doença venérea, nem gravidez, é só rotina! (Grito alto, só para mim.)

Antes de dar as costas para o toque infernal do telefone, a televisão em canal sensacionalista e a fofoca entre antigas conhecidas, contemplo a dinâmica da espera pela última vez. Apesar de tudo, do antes e do depois, saio saudosista e ansiosa pela próxima consulta. Consulta não, sala de espera. Eu já falei o quanto eu amo sala de espera da Ginecologia?

2º Lugar: Geneviève Faé - Caxias do Sul/RS

Incessantemente gira

Ninguém para este mundo para a gente descer.

O coronavírus até tentou parar tudo, desde março de 2020, no Brasil, quando nem imaginávamos o que viria pela frente. Só que preenchemos o tempo livre com livros, lives, nada aprendemos com o sociólogo italiano Domenico di Masi: ócio criativo para que, afinal de contas? Isto não paga as contas. Não paramos, demos nosso jeito de socializar, ainda que distantes fisicamente.

Ocupados, não refletimos. E ainda precisamos pensar, avaliar o que a pandemia da COVID-19 deixará como trauma e como legado, em um país que apenas corroborou a prerrogativa do historiador israelense Yuval Noah Harrari: vírus são inevitáveis, mas as pandemias não. Mais do que um problema de saúde, representam um problema de gestão.

Também ficou evidente como somos gregários. Animais sociais, lembra Aristóteles. Somos, acima de tudo, seres “fazedores”: fazemos inovação, fazemos resolução, ainda mais na era da máxima produtividade. A velocidade desse looping hipermoderno (acordar, tentar vencer o dia, dormir, repeat) nos tira tempo e treino. E nos inunda de esgotamento. Tudo é feito à velocidade da luz, uma espécie de fast-life. Temos tanto pressa quanto sede de perfeição e talvez aí resida nosso calcanhar de Aquiles. A sociedade do desempenho, o discurso da hiperprodutividade e a positividade tóxica mais envenenam a rotina que a organizam. E a pandemia nos desorganizou, por dentro e por fora.

Alguns teóricos reiteram que essa crise sanitária mundial acelerou o processo de digitalização. Vantajoso, sem dúvida. Todavia, paralelamente à imersão no cenário digital, o fluir tomou o lugar do fruir. Mal saímos de uma experiência, já partimos para a outra. E tudo devidamente documentado nas redes sociais, diários virtuais em que mostramos como somos felizes e bem-sucedidos, financeira e afetivamente. Do outro lado da tela, alguém nos observa, pondera e avalia, tanto o que postamos quanto o que deixamos de postar. Mas viver na vitrine cansa. Ser expectador da vida alheia cansa. Se todos estão no palco, quem será a plateia? E já estamos cansados dessa nossa “sociedade do cansaço”, de Byung-Chul Han. A paródia cartesiana “posto, logo existo” começa a perder força. Nesse sentido, nunca esquecerei o alerta do já citado Harari: não ter um smartphone é um sinal de libertação.

Fadiga. Exaustão. E culpa. Pós-pandemia, colheremos os frutos da vida 100% digitalizada. Segundo a Anatel, houve um aumento de tráfego na internet sem precedentes. Não precisamos de pesquisa para constatar a voracidade da digitalização, no entanto choca o aumento entre 40% a 50% no uso da internet no Brasil. Fortalecemos nossa presença virtual, fazendo da conexão um eixo condutor da existência em sua plenitude. Estudamos, trabalhamos, nos divertimos, socializamos, tudo via celular, em uma conectividade ininterrupta. Estamos passando cada vez mais tempo acordados. E conectados. Girando ao redor do nosso sol: o mundo digital.

No ritmo frenético do cotidiano incessante, o mais veloz vence. Mas vence o quê?! Se, no fim do jogo, peões e rainha voltam para a mesma caixa? Sempre gostei desse provérbio, ainda mais marcante em tempos pandêmicos, com tantas mortes como elo entre as classes sociais. Só que a lógica do “cada um por si” ainda impera, fomentando um “cansaço competitivo”, nos isolando uns dos outros e invalidando a lógica da educação para a cooperação.

De fato, a pandemia, um “megaincômodo”, nos termos do escritor brasileiro Luís Tejon, marcou e demarcou a existência em antes e depois. Se sairmos dela como entramos, não soubemos “sofrer direito”. O que mais gosto dos problemas complexos, aqueles com múltiplas variáveis (que denominamos de crise), é que relativizam todos os outros sofreres. Ou você não fruiu o gostinho do trânsito lento pós-reabertura da vida cotidiana?! Uma crise redefine tantas outras, mostrando que “todo ponto de vista é a vista de um ponto”, como diria o teólogo brasileiro Leonardo Boff.

Desconfio que ninguém vai parar este mundo, não. Essa terra que sofre diariamente, em pleno século XXI, para provar como é redonda. Acreditemos ou não, em meio ao caos e ao barulho, ela incessantemente gira.

3º Lugar: Júlia Mello Schnorr
Brasília/DF

De rédea solta

Débora Souza

Essa crônica é sobre uma égua quarto de milha. Como o nome deve sugerir, essa raça é de cavalos que correm - e muito! Ela era usada por colonizadores dos Estados Unidos da América em corridas de até um quarto de milha, mas se deram bem em várias atividades, inclusive nas lidas do campo. Esse era o caso da Panqueca. Seu nome me lembrava do prato dominical que minha avó Lina fazia com as mãos besuntadas em óleo e salpicadas de salsinha. A especialidade da Panqueca era auxiliar a levar as vacas de leite para a mangueira. Para os guris e gurias de apartamento, mangueira é o nome utilizado no sul do Brasil para a instalação destinada a ordenhar vacas. Panqueca, no fim das tardes, juntamente com o tio Itamar, que a montava em puro pelo, encaminhava pacientemente as dezenas de vacas para um local ao lado da casa principal.

Essa casa era uma mescla de alvenaria com madeira. Quando eu pisava no chão da casa, fazia com parcimônia, porque a casa era rica em memórias centenárias. Quando caminhava curiosa pelos cômodos, a madeira rangia como se falasse comigo. Quando eu olhava pelas janelas de madeira, via os cavalos ao longe. Panqueca se ressaltava, era imponente.

A égua repetia a lida há anos, já sabia o que fazer. O que não era comum nessa paragem era eu, adolescente e moradora de Tupanciretã, montar essa égua, ou qualquer outra. Nesse específico fim de tarde, entre a primavera e o verão, lá pelos idos da década de 90, eu me aventurei a conhecer a famosa Panqueca. Estava de férias na casa do Tio Itamar.

Panqueca era uma gigante em um mundo de ovelhas. Acostumada a comandos já conhecidos, a égua estranhou a minha rédea solta. Deve, sem qualquer dificuldade, ter farejado o meu medo e apreensão. Querendo fugir da falta de comandos, Panqueca fez o que mais sabia fazer: correu. Correu sem medo. Galopava enquanto fazia sua cria se esvoaçar, como se falasse: “fale comigo, guria”. Eu, sem nenhum controle da situação, piorei tudo e minhas mãos soltaram completamente as rédeas, deixando a égua sem qualquer resquício e intenção de comando. Eu pensei que isso a acalmaria, enfim estaria solta, poderia ficar paradinha, mas era um erro meu pensar que Panqueca estava tensa, ela queria os comandos, queria a rédea presa. E eu não tinha, nem conhecia os comandos. Pavor!

Ela ou eu, não sei qual era a mais perdida. Na verdade eu sei, era eu. Não lembro se gritei, mas senti vergonha pela falha e estava com medo de me machucar. Pensei: “morreremos as duas!” Minhas pequenas mãos buscavam de forma desesperada as rédeas que balançavam mais longe do que o meu corpo travado conseguia alcançar. “Que ideia soltar as rédeas!”

Vocês imaginam o meu desespero quando olhei para a frente e vi que a égua mirava em um dos únicos postes de luz da propriedade. Tudo poderia piorar! Havia um descampado imenso para ela desbravar, o pampa e até o entardecer, poderíamos galopar até a lage do rio, mas, não, a Panqueca só enxergava o poste de luz. Eu, prevendo o pior, essas mortes bizarras que lemos nos jornais, resolvi pular do cavalo. Não foi um pulo que nem vemos nos filmes. Foi um escapular daquela grande corpo equino, uma fuga, uma queda, na verdade. O tempo parou, senti-me leve e caí lentamente.

Eu, com 14 anos e uns pinos a menos, estava estirada no chão, acho que desmaiei. As pessoas correram em minha direção. Vi o Tio Itamar. Tinha mais alguém, mas não lembro. Quando recobro a consciência, levanto os olhos assustada para procurar pela Panqueca. Achava que o inevitável tivesse acontecido. Estava convencida de que a égua estaria pior que eu, arrebatada naquele poste de luz, mas não.

Panqueca, mais sábia que eu e todos ali juntos, relinchava baixo e pastava tranquila no campo após virar quando se aproximou do poste, sem titubear sobre o tinha que fazer. Embora possa ser solitária e aparentar melancolia, égua alguma é suicida. Panqueca morreu de idade há alguns anos. Viveu que só! Enterraram seu grande corpo na terra em que cresceu - no interior de Jari, nos confins do Rio Grande do Sul. Tio Itamar e a casa viva continuam lá.

Eiros

Numa crônica publicada no Jornal do Brasil há vinte e cinco anos, Luis Fernando Verissimo comentou a carta de uma leitora segundo a qual o sufixo eiro seria pouco nobre. Na opinião dela, a terminação eiro indicaria as atividades pouco nobres, como coveiro, muambeiro, curandeiro, lixeiro e carcereiro. Sendo nobre ou não, o eiro tem ajudado a formar muitas palavras nos últimos tempos. Com as redes sociais e aplicativos, por exemplo, surgiram os orkuteiros, blogueiros, twitteiros e zapeiros. E biscoiteiros ganhou um novo sentido. Quem sai de casa para dar um passeio, uma volta, um rolé virou... rolezeiro. Quem vai a festas, shows e baladas se tornou... baladeiro. E o candidato a exames, provas e concursos passou a ser... concurseiro. O noticiário está cheio de eiros: empreiteiros, grileiros, propineiros, bicheiros, garimpeiros, doleiros, mensaleiros, lavajateiros, esquemeiros... Outro apelido terminado em eiro surgiu numa Copa do Mundo, quando um marqueteiro batizou o torcedor da Seleção que batia no peito com muito orgulho, com muito amor: brahmeiro. Anos depois apareceu nas ruas e janelas outro personagem com a mesma camisa verde-amarela e o mesmo ufanismo pela pátria amada Brasil. Recebeu um apelido com a mesma terminação: paneleiro; uma evolução – ou não – do brahmeiro. Nem todo eiro é o que parece ser: não é preciso, por exemplo, criar perus para ser perueiro, nem gostar de chiclete para ser chicleteiro e muito menos ser fã de Cartola para ser cartoleiro. Falando em música, me lembrei do Pedro pedreiro pensamento de Chico Buarque e do praieiro guerreiro solteiro de uma banda de axé. Aliás, quem curte axé é axezeiro. Quem gosta de rock, funk e pagode também tem apelido terminado em eiro, mas os fãs de música sertaneja não. Sinal de que o idioma, por mais eclético que seja, não dá conta de tudo. Em compensação, temos muitos outros eiros por aí. Nas viagens de farofeiros, mochileiros e romeiros, nos times de caneleiros, pipoqueiros e frangueiros, na tradição de congadeiros, reinadeiros e seresteiros, no vício de craqueiros, maconheiros e cachaceiros e nos encontros de jipeiros, fusqueiros e harleiros. O eiro às vezes faz toda a diferença, pois veja que há motociclistas e motoqueiros, assim como existem bombados e bombeiros, treinadores e treineiros, sacolões e sacoleiros, cobradores e cobreiros, borrachudos e borracheiros, metalúrgicos e metaleiros e, como bem lembrou Verissimo em sua crônica, políticos e politiqueiros. A propósito, existem

cronistas, como ele, e autores de textos como esse, meros crônicas.

**2ª Menção: Prêmio Cidade de Santa Maria: - Lorenzo Zanon Veleda
Santa Maria/RS**

Um Mate Doce

J

São 6:40 de uma manhã fria de um domingo de maio, onde a cerração está na altura dos olhos e a grama reluz de orvalho. Ainda que hajam diversos motivos para ficar na cama e aproveitar o pouco calor que ainda me resta dos lençóis, teimo em levantar e preparar um mate.

Enquanto viro a erva lentamente na cuia, me recordo que o açúcar acabou. Hoje não sou grande fã do mate doce, mas por diversas vezes ele embalou os momentos de minha infância, principalmente em dias como esse. Não sei se pelo saudosismo ou se pela simples vontade de variar, levei junto de meu mate, um pote de mel, para a varanda.

Enquanto tentava me filiar a um dos poucos raios de sol perdidos por entre a neblina, sorvo do amargo e imediatamente me arrependo. O mate desce bem, aquecendo a garganta e adoçando a alma, com memórias que urgem, me levando desta, para tantas outras manhãs, em que o mate (e a própria vida) eram mais doces.

Me prendo, por um instante, em uma memória desgarrada, perdida entre tantas outras, de uma manhã, talvez um domingo como este. Acordei tarde, e quando cheguei na sala, minha mãe me esperava. Sentada no sofá, com seus tricôs, com meu espaço ao seu lado, meu pai em outra poltrona, roncando a bomba e me pedindo para passar a cuia à minha mãe. Enquanto eu, pequenino, caminhava cuidadosamente segurando a cuia com ambas as mãos para não derrubar a erva, assistia minha mãe puxar de uma mesinha, um açucareiro. Olhava fascinado, ela colocar uma colher e meia de açúcar, olhar para a água ponderando e finalizar com mais meia. Me aninhava, entre as cobertas meio prontas e os braços de minha rainha, enquanto a ouvia tomar seu mate, lentamente, pedindo ocasionalmente alguns goles, e logo após, fazendo caretas, só para vê-la sorrir. Aquele dia era meu aniversário de 8 anos. De meu pai, ganhei um novo par de sapatos e de minha mãe, uma correntinha de prata com um pingente de cruz.

Observo, ocasionalmente, e percebo que não uso os mesmos sapatos que tanto comemorei naquele dia. Ironicamente, o presente que menos dei bola, hoje ainda repousa em meu pescoço, como o meu mais fiel companheiro. Dou uma risada seca, e tomo mais um gole do mate, que agora se aproxima da metade.

Sou levado ainda, a outra memória, esta menos distante, de quando estudava e chegava no meio da noite, com a casa vazia, as luzes apagadas ou por se apagarem, abria a porta sempre em silêncio, ainda que volta e meia encontrasse meu velho sentado no sofá roncando e

tivesse de encaminhá-lo para a cama. Mas ainda assim, sempre que entrava na cozinha, via em cima do fogão aquela antiga panela de barro, com qualquer que fosse o presente que minha mãe tivesse me preparado. Hoje me recordo que eles não jantavam, ambos estavam acostumados a cear e dormir cedo. E no dia pela manhã, apesar de não os encontrar pela casa, sempre havia uma térmica e uma cuia com erva nova. Ahh... e claro um açucareiro. Hoje me divirto, lembrando que sempre reclamava sozinho, indo devolvê-lo para a despensa, mas nunca cheguei a falar sobre ele com minha mãe....

E agora o mate chega ao fim. Num doce profundo que jamais senti. Me pergunto por que minha mãe usava açúcar em vez de mel. Por que me deixava dormir até tarde nos domingos em que eu tinha mais coisas para fazer. Por que sorriu mais do que meu pai quando coloquei esta corrente, ainda que eu estivesse mais feliz com os sapatos. Por que chegava em casa do trabalho cansada, e ainda fazia questão que eu lhe contasse meu dia. Por que fazia uma janta que nunca chegava a provar e por que preparava um mate que nunca chegava a sorver. Me pergunto aonde foram parar os cobertores, as toucas e cachecóis que me aqueceram na juventude.

E hoje sei e sinto, sem mais precisar perguntar para saber todas essas respostas.

Olho o mate e o pote de mel, ainda cheio.

Preciso comprar açúcar.

REDEENÇÃO

O meu olhar recosta na vastidão da paisagem que se guarda em clamoroso silêncio e o coração, cercado de lembranças e saudade, oscila entre a emoção de ter vivido e a dor de tudo estar convertido em passado, sem retorno nem conserto. Um infinito de sensações se avizinha e me toma por inteiro, devolvendo fragmentos de mim que estavam perdidos entre amarguras que tentei esquecer e a felicidade que experimentei e passou.

Abismos emocionais me seduzem e convidam ao mergulho em inquietudes que nunca foram resolvidas por fugas que empreendi e por medos que não consegui dominar. Alegrias fugazes dançam na profundidade de quem sou e daquilo que me tornei, entre ousadias e alguma inconsequência, quando me lancei em desejos que não sufoquei, fosse para solenizar o corpo ou para inebriar a alma.

Como júbilo esfuziante e, também, algoz perverso, o amor passeia no lombo dos pensamentos, reconstrói momentos e traz de volta pessoas que ganharam eternidade, muitas delas sem o meu querer nem por seu merecimento. O desamor vem ao lado, como parceiro de um lote de histórias sem final feliz. Amei tanto, e com tamanha entrega, que só tardiamente percebo que me amei menos do que merecia, ou teria preferido partilha de sentimentos e não me conformar com a solidão de amar, que foi o meu deleite e o mais profundo descontentamento.

Mas não renego o que vivi, porque tudo me explica ou me acrescenta. Ter amado muito não me traz arrependimentos, mas teria sido bom se o amor correspondido me cortejasse, em vez de ser apenas labareda de esperanças que o meu pranto sufocou. Mas, agora sei, amar sozinha não basta para dois, por maior que seja a vontade de troca de um deles ou a grandeza de sua doação, que o outro não aceita. Ao fim, o par que resta é a melancolia permeada de suspiros e de alguma lágrima insistente.

Ao me deparar com minhas vivências, eu me reconcilio com o sofrimento por amores perdidos, mas já não flerto com o abandono, pois me resgato para amar a humanidade e a todos os seres vivos que fazem parte da existência. Reconheço, então, que o meu amor, de tão intenso e forte, não podia restringir-se a uma única pessoa. Não nasci para receber amor, mas para amar, porque essa é a minha essência. E assim um sorriso me ilumina a face, marcada de sulcos e brilho persistentes.

Tristezas eu as tive, muitas. São como um mar revolto que mal cabe em mim e, enquanto me debato para ficar na superfície, correntezas de emoções me arrebatam. Tentei justificá-las, entendê-las, aceitá-las, mas nem sempre consegui. Causei algumas dores, outras me entregaram sem cerimônia nem ode à superação. A vida me instigou a lidar com o desalento, mas ele não me descreve, por isso, ao me rever em um autorreencontro, reconheço forças que serviram de alento e me sustentaram, mesmo quando o imprevisível se anunciou e não pude evitar a surpresa.

Não deixei que a infelicidade de acontecimentos fustigasse a minha persistência nem levasse ao caos a confiança de que a vida pode ser contraditória, mas, na maioria das vezes, está certa, mesmo que a compreensão se distancie e as impossibilidades de vitória desafiem a firmeza de propósitos. As muitas perdas me desafiaram a pressupor a infelicidade como uma fiel companheira, mas elas foram incapazes de derrocar a robustez impregnada em minha alma, que encara infortúnios como quem empreende um duelo com a própria vida e se crê apta à vitória.

Meu espelho me exorta a uma satisfação que se mistura com vaidade. Que dor seria mais pungente do que a de não se ver capaz de vencer quem habita dentro da gente? Desse embate, só há um alguém vitorioso, o ser humano que sou, que enfrenta vicissitudes com um sorriso e que chora no mais recôndito espaço de si, um lugar que ninguém pode ver, mas que é o espaço de encontrar a redenção com o passado e com tudo o que viveu, porque nada foi inútil, nada foi em vão, tudo me constrói, eleva e ensina, mesmo quando não entendo, se sofro ou me angustio.

De tudo, queria reprisar as alegrias, fazê-las revivescer dentro do peito, apinhado de saudade e de alguma nostalgia. Nada há que possa reeditar aquilo que se viveu, e não sei avaliar se feliz ou infelizmente, porque para cada vivência há o seu momento, que muitas vezes escorre como água que se quer reter nas mãos, inutilmente. Sobra, dentre os aprendizados, entender que o passado não se repete, porque o presente exige a novidade para fazer um futuro de novas lembranças.

Assim também, corrigir os erros é um devaneio de quem se arrependeu do que fez ou deixou de fazer, e avalio que a inação é o carrasco de nossos destemores, aqueles que nos impulsionam a mais fazer pela própria felicidade, possível, sim, mas inalcançável quando não a perseguimos com as forças que temos, e que nem sempre são reconhecidas e acionadas.

Meu retrato na parede também é apenas uma lembrança. Sou saudade para quem me quer bem, e nisso me redimo de todas as vezes em que me esqueci de quem eu era para me

tornar alguém apreciável às vontades alheias, tão diversas das minhas. Erros, os que tive, não se podem redimir. Cabem, apenas, no meu perdão, se de outrem não o posso obter.

Mas já não importa tudo o que vivi. O que é crucial à minha existência é o presente, um momento intermediário entre tudo o que fui e as múltiplas possibilidades do vir a ser, esse inefável que encanta e atemoriza, mas que sempre é uma expectativa de ser feliz. E isso é tudo o que quero ser. E mereço! É assim que me deparo com a minha redenção: o que me liberta do passado e o que me lança ao futuro do que eu posso ser. E o serei, cruzando os prazeres e as tribulações de ser quem eu posso ser e sou.

O Amor da Morte

Suliman estava ajoelhado no meio das cinzas e dos escombros, em choque. Ele ouvia sons e vozes por perto, mas ao mesmo tempo pareciam distantes, abafadas, esquecidas. Os olhos de Suliman se concentraram fixamente no corpo que jazia em seu colo; nos cabelos sedosos que já perdiam o brilho e no rosto petrificado para sempre.

Aquele momento ficaria em sua mente para sempre.

Ele passou seus dedos longos, finos e pálidos na bochecha de Sissel, que descansa em paz, e uma lágrima foi a sua única reação a tudo que havia presenciado.

Ela estava morta. E fora por sua causa.

Os minutos em que jazia ali, em silêncio absoluto, se tornaram horas, que se tornaram mais horas, e possivelmente dias. O corpo dela já havia sido levado embora. A única coisa que restara fora sua doce lembrança. Suliman se agarrou a isso com tanta força, com tanto afincamento, que achava que até as próprias memórias viessem a perecer, de desgosto, de medo e de luto.

E Suliman não conseguia sentir nada mais que isso.

E o mais triste era que ele não voltaria a sentir coisa alguma depois.

Suliman finalmente criou forças para olhar para cima; o teto já não existia mais, sendo substituído pelo sol quente e ofuscante.

Ele forçou um sorriso triste. *Ela amava o sol.*

Então se forçou a olhar para os lados, para a destruição que tanto evitara ver. Mas ele continuou observando o seu redor, tentando encontrar algo que pudesse ter sobrevivido em meio ao caos.

Um brilho tímido e dourado se sobressaltou ao longe, escondido por madeira carbonizada. Suliman pegou seu cajado e com um simples movimento, trouxe o objeto para si.

Seus dedos agarraram o arco dourado como se sua vida dependesse disso. Ele riu de escárnio, sem pensar.

Eu nem tenho uma vida.

Com mais um movimento de sua foice, atraiu as flechas espalhadas pelo lugar. Sissel não estava mais por perto. Sem ela, o amor não existia. Suliman refletiu e refletiu até cansar.

Talvez eu possa trazê-lo de volta.

Suliman era a Morte encarnada; o terror e a podridão e a solidão em forma de pessoa. *Porém*, pensou ele, *sem o amor não há morte. Pois quando que se tem morte se não tem luto?* O luto é o amor vestido de preto; sem luto, não há morte, pois a pessoa falecida não teria nem sequer existido aos olhos de quem não a ama.

Suliman levantou-se. Ele não queria fazer aquilo para benefício próprio. Afinal, se não houvessem mais mortes, deixaria de existir. Mas não. Ele precisava fazer aquilo em nome dela. Sissel era seu nome. Amor era seu nome. E ele não poderia deixar isso morrer também.

Seu propósito já não era mais o mesmo.

Seu propósito agora, era fazer com que o Amor vivesse..

Suliman estava na praça da cidade, sentado em um banco perto do lago. Ele observava as pessoas indo e vindo naquela tarde de sábado. Era um dia lindo, sem dúvida. Em meio a tantas pessoas, Suliman avistou um garoto, que não devia ter mais de vinte anos, passando de terno e com uma maleta na mão. Estava ocupado, percebeu a Morte; o garoto conversava com alguém no telefone enquanto bebia um grande copo de café.

Olhando para o outro lado, Suliman encontrou uma moça de olhos inchados e nariz vermelho passear com seu cachorro. Ela tinha uma expressão distante e vazia; esbarrava em cada um que passava sem se dar conta.

Os dedos de Suliman rapidamente pegaram flechas entalhadas com corações e o arco pesado de Sissel e mirou naquelas duas almas perdidas. Em questão de segundos, a jovem esbarrou no moço, fazendo-o derrubar café em sua camisa. O cachorro, grande e peludo, ficou em duas patas e abraçou ele, derrubando-o. Suliman não tinha certeza se o amor deveria ser assim, mas pelo menos fora um começo. O cachorro lambia o café da camisa, enquanto a menina se desculpava sem parar e o garoto ria incansavelmente. Suliman expirou. *É, acho que é assim que deveria começar.*

Enquanto o mais novo casal da cidade estava prestes a acontecer, a Morte decidiu caminhar, as flechas já prontas no arco. Era Dia das Bruxas, e as crianças e adultos estavam fantasiadas de todas as coisas possíveis. Ele passou por um garotinho vestindo uma capa preta e segurando uma foice. *Ele tem bom estilo*, brincou.

Suliman avistou dois garotos discutindo perto de uma árvore. Ambos não queriam estar tendo aquela conversa; dava para notar a tristeza em suas expressões. *Talvez o amor já tenha encontrado os dois, mas, talvez, precise de um pouco mais de força.* Suliman atirou no casal em conflito, que então se entreolhou com surpresa, como se fosse a primeira vez que realmente se enxergavam. Um deles, de aparelho nos dentes, deu um sorriso torto para o outro, que era troncudo e de cabelo espetado. Suliman sentiu um orgulho crescendo dentro de si; era como se *ela* ainda estivesse por perto, iluminando a vida dos outros tanto quanto o sol iluminava suas cabeças.

Ele se sentia solitário. Era a primeira vez que percebia a diferença entre ser sozinho por vontade própria e solitário sem ter escolha. Suliman sentia muita falta de Sissel, mesmo que ela às vezes o irritasse ou o deixasse envergonhado. Ela era sua melhor amiga, sua única amiga.

A Morte não quis continuar os pensamentos. Não era hora de sentir culpa. Era hora de seguir em frente.

Suliman continuou sua caminhada pelo parque; ele atirou uma flecha em um homem que, enquanto passeava com sua esposa e filhos, olhava para uma mulher linda e mais nova. Ela o encarava

de volta com interesse. A Morte fez sua parte e apenas observou o homem passar reto pela mulher, abraçando a cintura de sua esposa e conversando com as crianças à sua frente.

Suliman também mirou uma flecha na adolescente agachada num canto escuro entre os banheiros públicos. Sangue escorria dos seus braços e a lâmina afiada estava pronta para cortar um pouco mais de seus pulsos. Quando a flecha a atingiu, sua expressão chorosa desapareceu aos poucos, e ela jogou a lâmina para longe. A menina correu para o banheiro para limpar o sangue que pingava no chão. Ele nunca estivera tão contente em evitar a morte de alguém.

-Onde você conseguiu sua fantasia? Vovó teve que fazer a minha porque já não tinha mais pra vender.

Suliman se virou, surpreso, para encontrar novamente o menininho que estava vestido de Morte. Ele encarava fixamente os olhos vazios de Suliman.

-E de onde é a sua máscara? Que maneira!

Suliman o encarou boquiaberto.

-Consegue... Você consegue me ver? -perguntou.

-É claro. Só não conseguiria se sua fantasia fosse de fantasma.

As Mortes continuaram se encarando. Suas roupas eram, de fato, bem parecidas. Era como se já se conhecessem.

-Aí está você! Graças a Deus! Onde esteve? Te procurei por toda a parte. Nunca mais faça isso senão...

Suliman ergueu seus olhos para a senhora que parou ao lado do garoto. Ela estava careca, corcunda e carregava um cilindro de oxigênio consigo. A idosa encarava a Morte, assustada. Ela segurou os ombros do menino e falou:

-A minha hora chegou?

-Não... Não estou aqui para isso.

A senhora olhou para o neto com espanto e lágrimas se acumulavam em seus olhos.

-Não é a hora dele também. Perdão se a assustei.

Ela secou os olhos e acariciou os cabelos do menino. Suliman, por um segundo, achou a cor muito parecida com a de Sissel. A Morte se agachou até ficar a altura dele.

-Você a ama muito, não é?

O garoto concordou com a cabeça, quieto.

-Então não assuste sua avó, certo? Ela já não tem tanta energia que nem você.

-Foi sem querer.

-Eu sei, garoto, eu sei. Mas me promete que não vai fazer isso de novo?

Ele concordou novamente.

-E que vai ama-la muito muito mesmo?

-Sim.

-Então, aproveite todo o tempo que ainda tiver com ela, tudo bem?

-Tudo bem.

-Podem ir agora. Tomem conta um do outro. -Suliman se levantou.

Os dois deram meia volta e caminharam para longe. O rapazinho abraçou as cintura frágil de sua avó e a ajudou a levar o cilindro de oxigênio. Suliman observou os cabelos, iguaizinhos aos de Sissel, desaparecerem no meio da multidão.

Pois é, talvez não há Morte sem Amor ou Luto. Mas também não há Amor sem Vida. E, apesar das idades serem tão distantes entre a criança e a idosa, apesar de serem tão diferentes, vida ainda habita e pulsa fortemente em ambos. E onde há Vida, há Amor. E aonde houver Amor, Suliman estará feliz.

Fim.

Sumidouro

... um pensamento cinza molhou minha boca, antes, muito antes que Zania perdesse a cabeça: tive vontade de soltá-la. Talvez no jardim do prédio, ao pé do coqueiro, ou mesmo abrindo todas as janelas, da gaiola e do décimo primeiro andar, eu a imaginei voando alto, me dando tchau e partindo para o mundo, sem olhar para trás. Não foi difícil agarrá-la, não houve temor nos seus olhos, apenas um preto surpresa, em cólera branda e definitiva. Eu não queria danos, precisava preservá-las, a Zania que estremecia na minha mão direita, e a outra, do escuro fundo do travesseiro de espinhos.

Arturo, assim batizei o aleijado - ou, para ser politicamente correto, o passarinho que tinha necessidades especiais: espaço maior para caminhar, poleiros mais próximos, banheira rasa, comida no chão da gaiola. Dormia em cima do comedor me dando um trabalho extra na limpeza – comida e caca se misturavam, me exigiam paciência e precisão com o dedo ou uma colherzinha de café. Tinha as pernas tortas, os pés engrunhados e capacidade de vôo limitada. Cantava sem olhar para o céu e isso me confortava, sobretudo depois que comprei a gaiola-casal-master no departamento de acessórios para pets amorosamente aprisionados. E porque eu mantinha um bicho preso-aleijado-cantante que comia na minha mão isso não é relevante.

...confesso que eu e Zania conseguimos soltar um bem-te-vi da arapuca do vizinho, que viu e cuspiu reclamações. O pai ralhou, mas a cinta não cantou tão forte como sempre. Nosso pai não era dado a bicho preso. Excomungava as gaiolas do quintal ao lado, bicho de asa é bicho do céu, rosnava. A mãe não tinha asas, Zania e eu muito menos. Assim, para nós, as grades eram mais que necessárias.

O fato é que cantava, estufando o peito. É para isso que serve um canário engaiolado. Para te produzir música. E não podemos desligar ou abaixar o som, ou tirar o microfone, salvo se lhe damos uma companheira. Foi o que fiz. Mas os fatos não correram na melhor previsão. Ele, no acumulado de meses, passou a bicar

intensamente a cabeça da amada ao tentar a cópula. Talvez pela penugem clara e olho preto-cristal, batizei a fêmea de Zania. Gostei dela de começo, e a mantive na mão por mais tempo que o adequado, sentindo, entre pulsos e dedos, o batimento acelerado, as penas macias, as asas encolhidas. Acaricieei o bico e as unhas, os pés enquanto ela, de olhos fechados, estremecia. Na gaiola, Zania demonstrou sua indignação mantendo-se na quina esquerda, bem no alto, encolhida. E isso me decepcionou, enquanto Arturo, em pequenos rasantes, voava esforços, ardoroso por alcançá-la. Cansado, acocorava-se no canto de baixo. Cantava mais que antes, em agônica sedução e ao menor deslize dela, nos poucos momentos que se desentocava para beber e comer, a atacava sem piedade. Zania me olhava e havia ali, naqueles olhinhos pretos de canário, ódio. Mantive o separador que dividia a gaiola ao meio e abri a portinhola de Zania.

...em casa, a única fêmea era minha irmã Zania, porque a mãe zumbiava. Carrancuda e com uma doença que deixava perebas na pele, ainda cuidava da cozinha e quintal, mas se esqueceu do resto da casa, quartos, camas, roupas, nunca a vi se lavando e acho que nem dormia. Era Zania quem espalhava cheiros e presença. Do pai ficaram o bafo quente e as mãos grossas. Grandes. Pesadas. E com seis dedos em uma delas. Um dedo aleijão sem unha que nascia do mindinho, mole, meio morto, mas ainda assim, um dedo.

Pensei e quando se pensa muito o corpo morre. Fechei a portinhola da gaiola e retirei devagar o separador. Arturo logo percebeu enquanto a fêmea, distraída e de costas para ele, bibicava o talo de couve.

...fugíamos para nadar quando o calor ensurdecia e o pai se afogava na cachaça. A gente olhava a água correndo, com vontade de cortar caldo e correnteza, para descobrir a vida do lado de lá. E encolhidos, agarrados nas margens, o medo era maior. Havia um sumidouro por ali, bem no meio do leito, um sorvedouro que engolia gente e bicho. Eu ainda me metia a gatinhas e mergulhos curtos. Zania se desengoçava n'água, pavorosa, pavorante. Foi quando surgiu a história das piabas. Para aprender a nadar rios, bastava engolir piabas, era a conversa-verdade. De qualquer tamanho, minúsculas ou maiores, as piabas tinham que ser engolidas vivas. Eu já dava os meus mergulhos e nunca coloquei muita fé na credence, mas Zania,

medrosa, enxergava mistérios naquelas águas, um enigma que desejava decifrar. E mistério chama mistério.

Pendurei a gaiola na rede da janela e fechei os olhos para os canários. Que se entendessem, pois de afazeres eu estava cheio. Banho, cachaça e um café amargo para rebater. Não tinha ideia se comeria algo, o estômago embrulhado de álcool e infância...

...Zania deu para colocar uma cadeira atrás da porta do nosso quarto. Demorei a entender o que aquilo significava. Ela também mudou o lado da cama, me pedindo para ficar na ponta, enquanto grudava o bumbum na parede. E dormia com mais roupas, mais colchas, mais suspiros. Vez ou outra o pai a chamava para esquentar no fogo água para banho. Ele tramelava a porta depois que ela entrava carregando a tina com água morna. Com o seu Arturo eu também passava o azedume, mas era rápido. Coisa de dois minutos no banheiro, eu de costas, ele me segurando, apertando, se esfregando, as mãos grossas, pesadas, prendendo, premendo meus ombros, o dedo-zumbi me espiando, um desafogo nas costas, de refrega, sem machucar, coisa de minutos. Com Zania era mais demorado, ela escapava do banheiro molhada e com o olho cristal. Deitava-se na ponta da cama, encolhida e fazendo dos meus pés travesseiro. Eu não me mexia noite toda, uma quentura de sonho.

Um grito de gavião-carijó. Cismeí. Do sofá da sala, com a mão no zíper e com o rádio ligado, afinei os ouvidos. Com algum custo reconheci as duas janelas da sala, o tapete de sisal, a garrafa vazia na mesa de vidro e o canto do canário macho. É que agora e há muito tempo eu moro longe do rio, em cidade grande, pendurado no décimo segundo andar. A tarde já se alonga em modorrenta preguiça, e o pai, seu Arturo Trindade, já é morto, para o sempre.

... dormíamos no mesmo quarto, mas foi na margem do rio que me agachei. A gente nadava pelado, porque a roupa não podia voltar molhada para casa. E a gente também se sujava com a lama da margem, passando barro nas pernas, fazendo guerra de torrão. Para disfarçar o que a água limpou. Para fazer troça. Era torrão nas costas, no peito, na testa, na boca, vez em outra ela chorava quando eu, em excesso de força e gozo, segurava-lhe os ombros, na rasteira a derrubava no chão e embolava seus cabelos no barro. Havia ali um idílio, um frágil lúdico, ela e eu, um no

amparo d'outro, uma cumplicidade fraternal à custo preservada. Mas, houve um dia, um dia de cheiros fortes e nuvens amarelas, que ela me pediu ajuda. Ajuda para se sujar. Eu peguei um torrão de barro e esfreguei na coxa macia de Zania. Por fora, por dentro, a coxa macia me eriçando os pelos, o torrão se desmanchando aos poucos, ela de costas, o torrão subindo até o bumbum, grãos de terra escorregando pela leira, sulco, rego mesmo, porque ali, naquela hora de bruta sensibilidade, eu endureci, só me lembrava das mãos grossas e pesadas nos meus ombros, prendendo, prensando, agora sem um dedo aleijado a espiar, agora, eu sou a pele que arranha, as mãos pesadas e sem aleijão, sem o dedo-monstro, Zania, e você se abaixou. Foi nessa hora e não sei porque você se abaixou justo nessa hora, para escolher mais um torrão? se tantos já tínhamos despedaçado, você, Zania, você se curvou demais e me inundou de pedras e más intenções, um sumidouro de bons pensamentos. Eu me agachei, me acocorei ali, em ponto de bote. E tudo escureceu.

Eu me levanto, cismado. Arturo em cantoria besta, sem freios, e há também alguém na porta, me chamando. E as coisas se passaram um tanto confusas, um jeito de sonho-pesadelo, o chão barreado vermelho onde eu afundava meus pés, agarrado na cintura de Zania, ela me mordendo os dedos enquanto eu lhe tampava o choro. Na gaiola, Arturo subindo em uma fêmea degolada. Reparo, olho muito, a fêmea não mais ali, apenas um corpo, amarelo e de penugem macia, degolado, sim, sem cabeça, sem sangue, um corpinho morto encolhido no canto da gaiola, entregue a Arturo, que, grotesco, insiste na cópula, bicando agora uma ferida. Retiro a gaiola da janela e a deposito no chão. Tenho ânsia, quero degolar Arturo, mas procuro a cabeça da fêmea, a cabeça.

... Zania deixou de dormir aos meus pés. Eu não me lembro direito quantos torrões foram desfeitos. Talvez todos. Não mais corridas até o rio, guerra de barro, risadas embaixo do lençol. Ela, mais uma fêmea a zumbiar pela casa? A cabeça virada para o chão, poucas palavras e olhos cristal-noite. Que me encaravam coléricos, confusos, eu afoito, também confuso, também com medo. Um sem encostar noutro, a cama dividida em colchas e pensamentos, eu olhando os cabelos de Zania, querendo combinar com ela estratégias malignas para acabar com os banhos de seu Arturo, mas ao me aproximar do seu rosto, desengolia vontades e fungava sua nuca e mordida suas orelhas. Ela cobria a cabeça mas deixava que eu a

prendesse assim, com pernas e braços sobre o lençol, um tecido fino me avisando o proibido, ela sufocada, eu ardendo. Éramos o não mais?

Alguém insiste na porta, ah, sim, a vizinha, tínhamos marcado algo, mas ela precisa sair e está com um filhote de siamês-thai de focinho escuro e olhos azulados no colo. Acaricio as orelhas do bichano. Meus pés ainda estão na lama vermelha, há lama em toda a sala e me ofereço como babá para o filhote, coisa de minutos, devolvarei assim que ela voltar. O gato me encara, interrogativo, enquanto a vizinha me promete algo mais com os olhos, pedindo, encarecidamente, janelas fechadas. Quando fecho a porta me lembro da gaiola no chão da sala. Solto o gato, que parece deslizar na tábua corrida. Arturo ainda bibica a companheira mas logo se apruma quando o gato, pelo eriçado, passa a rodear a gaiola. O passarinho pula desesperos e o bichano monta estratégia. Parece não se interessar pelo corpo da fêmea, toda a sua atenção está no macho, que agora pia socorro.

... ao me convidar para o último banho, sem me encarar afirmou que tinha conseguido engolir duas piabas. Perguntei onde, quando, mas ela correu para o rio, eu atrás, a saia amarela balançando lá e cá e não sei porque corríamos, ela na frente, a saia amarela, eu querendo esquecer, amolecer, o pensamento duro, o corpo também. No barro, naquele dia ela não se preocupou em sujar a roupa, em se arranhar no chão, eu mordendo, urrando, machucando. E de repente ela se levantou, agora com olhos cristal-fogo, falando do rio e do sumidouro. E foi-se, pés, joelhos, cintura, sujando o rio que lavava o nosso barro. Quando a água atingiu os seios ela parou. Esperou um pouco, mexeu os braços como remo, quis virar o rosto e tive a impressão que desejou voltar. Mas logo submergiu.

O gato dá um tapa em Arturo e ronrona, presunçoso. Eu apenas observo. Nunca acreditei em piabas e poderia ter mergulhado, puxado braços e pernas de Zania, abraçado seu corpo, como um bom irmão. O gato me parece frustrado, olhando o pássaro no chão da gaiola, imóvel. Zania, com os cabelos longos e sexo à mostra, me acena, todas as noites, do outro lado do rio.

3º Lugar: Saigon Quevedo
Santa Maria/RS

Casaquinho amarelo

Queria dançar um tango contigo. Murmurou essas palavras no ouvido dele e saiu. Percebeu que a mulher havia ido ao banheiro e aproveitou a chance. Era uma mulher atrevida e estava louca por aquele homem. Gritava a quem quisesse ouvir que, mais cedo ou mais tarde o teria somente para si. Alguém já havia cantado a pedra pra ele, mas casado que era, disfarçou o mal-estar que sentiu. Não tinha olhos para mais ninguém. Amava sua mulher e estavam vivendo um momento maravilhoso que é aquele quando os casais planejam filhos. Conheceu a esposa na faculdade. Tinha uma beleza natural que não lhe fugia do pensamento. Alguns trabalhos juntos, alguns almoços no restaurante universitário, algumas trocas de confidências, uns olhares mais atentos até que um dia ele pegou a mão dela e dali em diante não se largaram mais. Daqueles namoros sem pressa, quando cada etapa tem o tempo certo para ser vencida. Quando estava por se formar, separaram-se por alguns meses para ele fazer estágio na firma do tio que ficava no interior. *Melhor assim*, ambos pensaram, se fosse amor mesmo, morreriam da falta um do outro. E era. Foram meses de saudade e de vontade. Longe dela, havia o vazio. Então, para preenchê-lo, depois de cumprir as horas do estágio, marcava um futebol com os colegas e, como era costume na região, sempre havia uma confraternização entre os homens após a partida: pagode, churrasco, cerveja. Os solteiros e os casados que traíam, volta e meia espichavam um pouco mais a noite, indo buscar conforto na casa das mulheres da zona. Mas ele não. Conhecia seu limite e não sentia vontade nenhuma de se deitar com uma delas. Rumava para casa sozinho e dormia feliz. No retorno dele, depois de quatro meses, ambos sabiam que havia chegado a hora e, juntos, venceram com méritos a última etapa que faltava vencer. Foi num sábado à noite. Escreveram um roteiro completo com início meio e fim. Mas loucos que estavam um pelo outro, nem se deram por conta que estavam esquecendo de encenar algumas partes daquele romance. A paixão era tanta que, depois de se beijarem com ardência, deixaram o desejo os conduzir por caminhos que ambos desconheciam. Eram atores de primeira peça, mas o instinto os fez brilhar no palco. Não houve muitas palavras naquele momento. Ela falou algo baixinho que ele não entendeu, mas sentiu aprovação no tom. *Eu também, muito*, respondeu ele. Agora eram um homem e uma mulher, prontos para juntarem suas vidas e construir sua família. Ao ouvir aquilo, *Queria dançar um tango contigo*, meio de susto, ele virou a cabeça e quase roçou seus lábios nos lábios dela. Era sua colega de trabalho. Mesmo sem jeito, ele conseguiu sorrir, um riso tímido

e fez uma cara de quem diz: eu sou casado. Ela fez cara de quem diz: não sou ciumenta e saiu passos largos em direção à mesa onde estava com outras pessoas. O fato é que ela o amara desde o dia que o viu entrando pela primeira vez na firma. Tudo o que ela achava interessante em um homem, estava nele. Haveria de tê-lo para si. Na hora das apresentações, percebeu uma larga aliança na mão esquerda. Nada que a desanimasse. Sempre teve o homem que quis. Mas agora era amor. Numa sexta-feira, um dos colegas iria tocar num barzinho e convidou todos os colegas do setor. Foi lá que ela falou aquilo em seu ouvido. *Queria dançar um tango contigo.* No sábado, ligou para ele no almoço e também quando estava terminando a novela das nove. Sem jeito, não atendeu. Falou para a mulher que não atendia número desconhecido. Domingo, ligou para ele eram 8h da manhã. Pensando que poderia ser alguma coisa importante do serviço, atendeu. *Alô.* Ela esperou uns cinco segundos antes de ter coragem de declarar a ele tudo o que já havia dito aos outros sobre ele, sobre seu amor. *Quando te vi entrando por aquela porta, eu conheci o que era amor. Meu corpo entrou em descompasso e suei muito. Minhas mãos tremiam e minha voz demorou a sair. Antes de tu entrar por aquela porta, eu era uma mulher incompleta. Mas bastou um olhar teu e o amor aconteceu...* Ele ouviu tudo calado e esperou com educação até que ela terminasse. Desligou o telefone e não disse uma única palavra que não tivesse sido *Alô.* Tinha tanto amor por sua esposa que contaria tudo, assim que ela saísse do banho. *Meu amor, tenho algo para te contar, não sei nem por onde começar: eu, eu... eu estou grávida, grávida amor. Acabei de fazer o teste.* Apenas com a toalha lhe cobrindo o corpo, olhou ternamente para o parceiro. Uma bateria de escola de samba retumbava na cabeça dele. Surpresa, felicidade e apreensão se misturavam. Deu o abraço mais demorado em sua mulher e ambos choraram emocionados. Nem comeram nada naquele dia, ficaram o tempo todo na cama acariciando aquela barriga que já carregava outra vida. Agora eram três. *Lígia*, sugeriu ele. Esperaria oportunidade melhor para contar a ela. Até demissão cogitou pedir. A hora agora era de alegria. No outro lado da cidade, a outra era só vingança. Não conheceu os pais. Foi a única sobrevivente do acidente que vitimou toda a família. Tinha 6 meses. Quando os bombeiros chegaram ao local, dado o tamanho dos estragos, perderam a esperança de que houvesse corpo vivo no meio dos ferros retorcidos. Foi quando alguém ouviu um choro e alertou o bombeiro que estava mais próximo. *Senhor, a Ti, que és o Criador de tudo o que sou e o que possuo, imploro pela vida deste inocente, clamo por teu nome e prometo fazer sempre a tua vontade, que meus feitos sejam do teu agrado e que a não falte bênçãos na vida deste anjinho.* Orou o bombeiro, pedindo clemência ao Senhor que acreditava ser milagroso. Não tinha religião, mas tinha fé. Depois de horas de extrema tensão e cuidado, o bebê foi retirado ileso das ferragens sem um único arranhão. Os tios se encarregariam de sua criação. Cresceu como uma espécie de celebridade na cidade onde morava, fruto de um verdadeiro milagre. Não raro, pessoas se ajoelhavam perante sua presença. *Santinha*, gritavam os mais crédulos.

Mas o fato é que desde novinha ela era uma criança má. Cresceu no conforto que seus tios a proporcionavam. Não admitia dividir nada com ninguém. Sentia nojo da empregada e negava-se a comer qualquer comida por ela preparada. De herança, uma bela casa e o gosto pela literatura. Esquisita, via-se nas personagens sórdidas que saíam de romances, contos e novelas. *O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdinados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte.* O trecho de um conto que lera na adolescência ainda estampava a capa da sua agenda. Um dia seria como eles. Acostumou-se a posar de boa moça para não perder a boa vida que a fama lhe concedia. E assim viveu até a morte dos tios. O dinheiro acabara devido ao tratamento de inúmeras doenças que tiveram na velhice. Agora, para manter a casa e sua própria vida, teria que trabalhar. Por conta de seu passado e de sua beleza exuberante, não foi difícil conseguir emprego. Até então, nunca tinha ouvido um não. Na firma, os colegas a achavam estranha, as atitudes do dia a dia não condiziam com o que aprenderam ser uma “santinha”. Mas todos concordavam com uma coisa: era dona de uma rara beleza. Como havia uma sala só para ela, o convívio se mantinha pacífico, embora já tivesse sido surpreendida fazendo cara feia para a senhora do cafezinho. Os dias seguiram até que o viu pela primeira vez. *A sedução é uma arma quase infalível*, disse para si mesma. Ele não ter dito uma só palavra ao telefone, soou como um grande rejeição. Homem nenhum a desprezaria, não seria ele o primeiro. *Maldito, há de me pagar.* E passou o resto do domingo planejando uma forma de se vingar. Segunda, quando se encontraram na sala do café, ela pediu desculpas, falou em solidão e arrependimento. Boa atriz, fez um drama e ele acreditou nas palavras dela. *Amigos?* Propôs. *Amigos*, respondeu ele. Já estava quase na hora do expediente acabar, quando ela falou: *Está frio. Um café?* Ele consentiu com a cabeça e demonstrou alívio. Pela primeira vez reparava na sua beleza. Então ligou a cafeteira e preparou um café para ele. Junto com o açúcar, colocou uma colher de um pó branco, sem ele perceber. Enquanto algo lhe estraçalhava as entranhas, lembrou-se do casaquinho amarelo que comprou para o filho no intervalo do meio-dia. Se fosse menino, poderia se chamar Ricardo. Perto da janela, ainda a ouviu dizer: *Venha ver o pôr do sol.*

1ª Menção: Sidney Nicéas de Oliveira
Recife/PE

DESFOLIA EM LOOP

é um saco fechado cheio de confete dentro, e meu coração é feito aquela porra daquele saco em cima da mesa. Que banzo que nada. Vão se foder que vou pra rua. Sei nem como saí, mas saí; botei a máscara, os trecos no bolso e taquei um foda-se na cara; pela porta da frente. A rua é minha, é do povo, e o vírus é um putto fantasiado de diabo no calor de 40 graus na Misericórdia. Vem comigo, gato!, falei e ele nem nem. Fui sem dizer mais nada, tem ração e água aí, então te vira! Fui subindo a ladeira desassossegado de tanta desalma. Terça-feira assim ninguém nunca viu, Olinda tão feia ninguém nunca viu. Eu pisava e os paralelepípedos trincavam os dentes de uma raiva que não era comigo, eu achava que sabia. Dava pra ouvir os ecos de zilhões ali encruados, dava sim. Fiquei ainda mais putto. Corri gritando É Carnaval bando de carniça! e fui tirando alguns dos trecos do bolso, e tome confete, serpentina, mais loló queimando os pelos da venta e um Panranranranranranran na goela! Foi o povo aparecendo nas janelas, o doidinho mostrando os desdentes, o bebinho levantando o copo dentro da jaula em que bebia, o pirráia aparecendo na esquina e dando meia-volta rapidinho, Pega o doido!, disse fugindo, e eu correndo agora feito doido mesmo, a sirene da polícia num Wuw atrás de mim e eu disse Me fodi, caí! e o putto em cima, Num sabe que não pode Carnaval, filho da puta? Nem respondi, dizer o quê?, só perguntei se ele tava feliz com aquela merda toda, senti o paralelepípedo quente roçando nas fuças, parecia se vingando de mim, Que mal há em querer ser feliz, seu guarda?, Vai dizer isso pro delegado, escroto! Caí. Fodeu. Fodeu. Cheguei abraçando as costas. O delegado nem me olhou direito, Vai pro xilindró pra aprender a cuidar dos outros! Caí seminu naquela porcaria suja. Loló dos infernos, ninguém sabe brincar mais não? Só pra arretar, assobieie o Vassourinhas até o bico pedir penico. Ninguém nem nem. Da cela, deu pra ver o resto das minhas coisas na mesa da delegacia. Aí foi o banzo... Pior do que ressaca, eu, ainda mais preso, folia nenhuma, o saco lá, desolhando pra mim. Agora só dava pra ouvir o vento. E o miado. O vazio

COMIDA CHINESA

O senhor Ambrósio de Paula Silva e Souto, trinta e seis anos, solteiro, soldador industrial, residente nesta freguesia, compareceu a esta delegacia na presença de seu advogado, para oferecer, perante mim, escritã de polícia, sua versão para o registrado em notíciacrime no qual aparece como parte denunciada. O depoente declarou ter conhecimento do teor da acusação que pesa sobre ele, bem como não está pensando em fazer nenhuma contestação e se diz arrependido. Declara que sua atitude foi tomada num momento de fome e que esse não é seu jeito habitual de agir, se declarando uma pessoa pacífica, calma e de fácil convivência. Sobre os fatos, o depoente declarou que chegou, por volta do meio-dia, ao local da ocorrência, conhecido como praça de alimentação do shopping sul, porque estava na hora do almoço e era o local mais próximo que se encontrava aberto e oferecia comida chinesa. Disse que há muito tempo é louco por comida chinesa e sentiu muita falta desse tipo de refeição durante a pandemia, quando a comida oferecida pelos deliveries não tinha a mesma qualidade que a encontrada no local. Que foi ao local com a única intenção de se alimentar e depois seguir para casa, visto que naquele dia só trabalhou o primeiro expediente. Perguntado, disse que mora com a mãe, mas tem o hábito de almoçar fora, especialmente comida chinesa. Que não tem o costume de ir ao shopping sul para se alimentar, uma vez que a comida é mais cara, e que foi no dia em questão porque havia recebido o salário e ouviu falar que haviam sido inaugurados dois novos restaurantes de comida chinesa e que a comida era de boa qualidade. Que não havia nenhuma outra intenção além desta e que nunca foi a nenhum lugar com a intenção de arranjar briga ou fazer bagunça. Disse que ao chegar ao local se dirigiu imediatamente à praça de alimentação, pois pretendia comer e sair logo, sem demora, mas ao chegar ao local viu os dois restaurantes novos e percebeu que havia mais outros dois, menores e antigos, que também serviam comida chinesa, e que todos trabalhavam com o sistema self service, o que exige da pessoa a noção do que vai comer e conhecimento do cardápio. Disse que ficou em dúvidas para qual restaurante se dirigir, pois não tem dinheiro para frequentar esses lugares regularmente e pretendia tirar o máximo proveito daquela experiência gastronômica. Que passou por todos eles para ver os preços e observou que tinham preços por quilo muito parecidos, de modo que a escolha deveria ser mesmo baseada no sabor. Pensou em ligar para o amigo que falou

dos novos restaurantes e pedir uma dica para saber qual era o melhor, mas lembrou que o amigo, àquela hora, provavelmente, estava no trânsito e isso seria um incômodo. Que, pensando melhor, decidiu entrar na internet e procurou informações e avaliações sobre o padrão de comida de cada um daqueles restaurantes, mas que isso não o ajudou muito, pois, segundo o depoente, as pessoas não sabem avaliar direito o quê e onde comem. Que não lhe restava alternativa a não ser escolher um e se arriscar. Que estava disposto a fazer isso até que percebeu do outro lado da praça de alimentação um grupo de chineses. Que imediatamente pensou em olhar para onde o grupo iria se dirigir e fazer o mesmo, pois tinha certeza que os chineses saberiam qual a melhor comida de sua terra estava sendo servida ali. Se eles não soubessem, ninguém mais saberia. Que se aproximou do grupo e, discretamente, ficou esperando. Que a espera começou a demorar e a fome começou a aumentar, mas estava disposto a esperar, pois queria comer a melhor comida chinesa naquele dia. Disse que o grupo não se dirigiu de imediato à praça de alimentação e sim a uma loja que se encontrava perto, mesmo assim, manteve a decisão de continuar a espera até a hora que eles fossem comer, apesar da fome que começava a incomodá-lo. Disse que o grupo demorou pouco na loja e,

quando ele pensou que ia à praça de alimentação, se dirigiu a outra loja. Que, naquele momento, ficou com raiva, mas, como já estava esperando, decidiu continuar a esperar mais um pouco e resolveu acompanhar o grupo, chegando inclusive a entrar na mesma loja que eles, pois não pretendia perdê-los de vista. Disse que o grupo demorou pouco e dois deles resolveram ir a outra loja, próxima. Que, no momento, ficou em dúvidas sobre qual dos dois grupos seguir, mas preferiu ficar onde estava, com o grupo maior. Que, depois de um longo tempo, já quase às duas horas da tarde, o grupo foi a outra loja, e, àquela altura, ele estava para desistir, pois tem o hábito de se alimentar às doze horas e não estava mais se segurando em pé de tanta fome. Que estava para desistir, mas seu orgulho falou mais alto e decidiu esperar um pouco mais, pensando que talvez a espera compensasse. Que, finalmente, por volta das três horas da tarde, o grupo decidiu se dirigir à praça de alimentação. O depoente disse que, apesar da fome, de quase não conseguir mais se segurar em pé, de sentir seus lábios frios e uma suadeira de fome tomando conta do corpo, estava feliz, pois bastava seguir o grupo e imitá-lo para escolher o melhor da comida chinesa daquele shopping. Que não importava mais o valor que fosse pagar no prato, estava disposto a tudo, desde que tivesse a melhor experiência gastronômica da sua vida. Que seguiu o grupo que entrou na praça de alimentação e passou direto pelo primeiro restaurante, e ele ficou feliz com isso, pois também não tinha gostado muito daquele. Que também passou direto pelo segundo, sem olhar, e era um dos que já existiam, e ele pensou que o segundo mais novo era o melhor, que estava bem de intuição e já salivava o sabor do yakisoba com camarão e brócolis na boca e os rolinhos primavera quando percebeu que o grupo inteiro se dirigiu ao McDonald's. O depoente disse que ficou sem entender, e, num rompante de raiva que não sabe explicar de onde surgiu, a única coisa que se lembra é de ter partido para cima do grupo e gritado "malditos chineses". Era o que tinha a relatar.

O sol na janela da cozinha

Passam alguns minutos das sete da manhã. Faz bem pouco que cheguei. Ao invés de, como sempre faço, chegar aqui perto do meio-dia, entrando e saindo dos focos de fumaça espessa que emanam das churrasqueiras, andei por entre o branco da nuvem que desceu dos morros. O esbranquiçado da cerração cobria a cidade, e parecia, quando cheguei, que estava ainda mais denso no bairro - foi dentro dele que percorri a Borges de Medeiros. Estavam ainda frios de orvalho os tonéis de metal cortados pela metade, modelo quase padrão das churrasqueiras do comércio que se alastra, nesse dia, tomando as calçadas. Os cachorros latiam muito pouco, ainda dormitando nos cantos dos pátios, e os velhos, mesmo aqueles de sempre, nem se assomavam nas janelas.

Cheguei, na verdade, um pouco atrasada. Antes de sair, a cuidadora do turno anterior me deixou as recomendações, apontou onde estavam os remédios, todos já fora dos seus casulos de plástico, etiquetados em seus horários. O desjejum já havia sido tomado: o pão macio e a xícara de café com leite. No meio da manhã, deveria comer uma fruta. Relatou tudo apressada e saiu, quase correndo, para tomar o ônibus para a Caturrita. O avô agora dorme na sua cadeira de rodas. Já encontro a televisão ligada e me sento no sofá, sonolenta. Sei que não sou obrigada a assistir, mas não desligo: se o silêncio sobrevier bruscamente pode ser que ele se desperte, com susto. Não é necessário que eu me preocupe com nada mais: meu almoço já está preparado, basta aquecer. O do avô também, basta triturar.

Não foi de uma hora para outra que o corpo deixou de obedecer. As ideias foram se embaralhando, a noção do tempo presente foi se dissipando pouco a pouco. O desaprendizado dos pequenos atos da rotina foram graduais: uma leve dificuldade para caminhar, esquecimentos banais, até não poder mais dirigir o carro, não conseguir servir o próprio prato, não saber para que serve um garfo, não conseguir mais controlar - um após o outro - os próprios pés. Até que avançam para um ponto de não-retorno, os sintomas não parecem sérios, se escondem em motivos escusáveis, ou se escusa por negação, até o momento em que, sem dúvida, o corpo se torna o invólucro de uma mente que não se comunica senão por lapsos, acidentes.

Quem é ela?, alguém pergunta. Sempre há entre os conhecidos, os vizinhos - ou mesmo algum familiar ainda não educado o suficiente para entender sua condição - aquele que passa a testar os limites, a desgastar a paciência de um deslembado, como se quisesse repetir um número grotesco ao vivo: é assim que funciona um velho caduco. Sei que alguns chegam com a desculpa da visita, um pedaço de bolo, de entregar a Nossa Senhora mesmo sabendo que nessa casa ninguém mais reza, mas nas expressões e no olhar se delata, inequívoca, uma curiosidade com tintas de morbidez. Alguns vizinhos, com certa presunção, desejam ainda serem reconhecidos, esperam não terem sido levados pelo esquecimento, como se pudessem perdurar mais do que a imagem dos mais próximos. Não hesitam em chegar já disparando: *lembra de mim?* Desde que a dona Juraci fez essa pergunta e ele respondeu “Mãe?”, ela não voltou mais. Ficou triste, contrita, ao mesmo tempo em que a anedota correu pela vizinhança e a curiosidade em torno da figura dele se reacendeu.

Essa aqui é a Marilene, ele declara, olhando para mim. Eu sorrio – não sou Marilene, uma irmã com quem ele pouco convive, mas poderia ser. Sou apenas uma das netas crescida demais depois que a memória falhou, e me mantenho anônima.

Eram frequentes os pedidos para voltar para casa, estando na própria casa. Eram reiterados os desejos de fuga. Amanhã eu vou embora, ele costumava me dizer, em tom de confiança. Forcejava para levantar da cadeira mas não sabia comandar as pernas. Maria, me ajuda!, e a Maria, a esposa ausente, distante, não ouvia. Como os médicos haviam recomendado, e como se sentia que era o melhor a fazer, não devíamos cobri-lo de explicações, atualizações que chegariam todas de uma só vez, com força de torrente, com violência. Deve-se esperar que a ansiedade se desvaneça, sabendo que os impulsos vêm e passam. Deixar que o chamado se reacomode de volta no tempo.

Há também momentos de lucidez - esses, sem dúvida, os piores. Pode-se reconhecer facilmente quando chegam: os olhos voltam a si como acesos de novo. Como hoje, desperto naquela altura da manhã quando os cães já latiam, as músicas do domingo se proliferavam em ritmo festivo por entre as casas. Caído de novo no momento presente, nessa casa, passou a investigar o que estava ao seu redor e se deteve nas próprias mãos. Tateava uma substância invisível, apalpava os próprios dedos. Como em outras ocasiões, se surpreende com o que vê, exclama, a mesma confiança da fuga: olha isso! Muitas vezes desperto com outra idade, alheio à própria velhice, encontra no gesto a pele fina e mole das mãos que o faz recordar. Pode-se esquecer o próprio aniversário, o tempo transcorrido, o sono, a saciedade, mas não se pode esquecer as próprias mãos. Não é possível mover-se do próprio corpo, prova

incontestável do tempo ao alcance dos dedos - os próprios dedos, velhos e inábeis. É com razão que ele chora. E como a fuga impossível, como uma criança, ele esquece também porque chorou.

Estamos em silêncio. Lá fora o domingo ressoa em um crescente: todos despertos, há vozes conhecidas que já se pronunciam, movimento na rua. Ele suspira. É um suspiro denso, como se o dia inteiro uma tarde estivesse caindo - o dia todo uma melancolia, uma espera.

Quer um pedaço de mamão, vô? Penso que pode ser cruel fingir dar o poder de escolha para quem já não escolhe, mas também é cruel a imposição, simplesmente. Terá que comer a fruta, sem negociação: a hidratação, a anemia, evitar os suplementos artificiais. Pode ser, me responde ele, como quem faz uma concessão. Mas eu queria uva.

Libero a fruta da embalagem, sinto o peso do cacho e lavo com vagar grão a grão, para gastar os minutos. Penso nessa uva trazida de repente à superfície, roxa e madura. Nela vejo a partida para São Martinho todos os fins de semana para “ver como estavam as coisas”, os netos na parte de trás da Chevy, transportados como carga, livres, em pé para sentir no rosto o vento e a poeira da estrada, salpicada de pedregulhos, o trecho de subida da serra, o catavento que anunciava a chegada. As árvores da chácara, plantadas todas por ele, as parreiras pesadas de cachos: era tanto, era preciso um destino, presentear os conhecidos, caixas repletas que dividiam na volta o espaço no mesmo veículo: não pisem nas uvas, fiquem sentados! As uvas, o calor, a sombra.

- Será que esse ano asfaltam a estrada lá pra fora?
- Seria bom...

Devia-se buscar, explicou o médico, os assuntos e as coisas com as quais ele se conectava, a época da qual se lembrava mais. O tempo maior da memória era esse: não tanto a juventude na colônia, os anos no quartel, o tempo que passou cosendo sapatos, os anos em que morou em Cachoeira do Sul. Nunca dizia agulha, couro, pistola, Val de Buia. Se mencionavam, ele sabia que existia, que tinha acontecido, mas se calava. Sempre irrompiam a uva, o pêssego, às vezes pepino, às vezes pêra, catavento, e, de vez em quando, mãe; com muita frequência, Maria.

Alcanço o caderno na mesinha ao lado do telefone, na qual estão arquivadas as anotações sobre seus cuidados desde que retornou do hospital. Assina Márcia, uma cuidadora que não conheci - foram tantas, algumas na madrugada, outras durante a semana. Essa tinha a letra firme.

15:00 Nebulizei

17:00 Nebulizei. Atrovent, Clenil A, Aerolim

07:30 Febre 37.8. Dei remédio (50g)

09:00 Nebulização intermediária

Após às 18:00 já estava bem disposto conversando. Dormiu das 22h às 24h, e das 4 às 06:30.

Apanho a caneta e anoto:

Cheguei um pouco depois das 7. Cerração. Dormiu tranquilo no sofá. Despertou agitado. Pediu uva.

Ainda é muito cedo, mas almoçamos. Eu, embora sem pressa, almoço rápido. Meu avô, colher a colher.

- Me desculpa, mas agora eu preciso ir embora.
- Quem sabe amanhã, amanhã não é melhor?
- A camionete volta da oficina?
- Amanhã deve estar aí. E hoje é domingo.
- Eu sei.

O sol na janela da cozinha nos conta que a nuvem que desceu pela manhã já foi esquecida. Ainda temos uma tarde e o começo de uma noite. O cheiro de carvão queimando, a fumaça que volta a cobrir de branco as ruas do bairro anuncia que os trabalhos dos assadores na avenida atingem seu ápice.